

**Histórias
das histórias
que contei**

Histórias das histórias que contei

VINÍCIUS DÔNOLA



Copyright © 2019 by Vinícius Dônola

Preparação
Kathia Ferreira

Revisão
Eduardo Monteiro
Laís Curvão

Diagramação e projeto gráfico
Julio Moreira | Equatorium Design

Arte de capa
Angelo Bottino

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D74h

Dônola, Vinícius, 1969-

Histórias das histórias que contei / Vinícius Dônola. - 1. ed. - Rio de Janeiro :

Intrínseca, 2019.

328 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-510-0558-3

1. Dônola, Vinícius, 1969-. 2. Jornalistas - Brasil - Biografia. 3. Memória autobiográfica. I. Título.

19-59272

CDD: 920.5

CDU: 929:070(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Dedico este livro aos cinegrafistas e auxiliares
— alguns dos quais, já não mais entre nós —
que me acompanharam nas andanças pelo
Brasil e mundo afora ao longo dos últimos 30
anos. A eles, meus parceiros em incontáveis
jornadas, a eterna gratidão.

Sumário

- Prólogo .8
1. A execução .16
 2. E o registro, cadê? .30
 3. A roubada na montanha .38
 4. O caso Marielle .48
 5. Nascido da reportagem .58
 6. Pelo mundo com a Fumaça .66
 7. A vovó do “Fuca” .80
 8. A torturadora .88
 9. O maldito sapato do Maluf .100
 10. Correria na Antártida .108
 11. Nas entranhas de Bangu .118
 12. O fantasma do consulado .130
 13. O amigo Tim Lopes .138
 14. A Romênia de Drácula .150
 15. A propina nas estradas .160
 16. Tiros no “caveirão” .170

17. De porre com Lula .176
 18. Mergulhando com tubarões .184
 19. Eles pisaram na Lua .194
 20. Sim, eu via lingerie .204
 21. O irmão mendigo da Madonna .212
 22. A morte de Bin Laden .220
 23. Aventuras na Amazônia .232
 24. General Malvadeza .246
 25. O inesperado na Rússia .258
 26. “Caveiras” da Marinha .268
 27. O enigma da pirâmide .280
 28. Encontros com o Rei .290
 29. A melhor das Olimpíadas .300
 30. Nós matamos o fantasma .312
- Agradecimentos .323
- Créditos das imagens .325

Prólogo

Escrevo estas palavras logo após enviar a meus editores da Intrínseca a versão final dos 30 capítulos que compõem este livro, ao qual me dediquei quase exclusivamente durante um período sabático que me permitiu gozar ao completar três décadas de telejornalismo. Este Prólogo é uma nova versão do que eu havia redigido e que norteou a escolha das histórias que aqui vou contar. Histórias inusitadas que vivi em minha carreira, sem apego à cronologia. Contudo, precisou ser reescrito, pois a obra acabou se mostrando uma criatura inquieta e com vontade própria, tal qual um cavalo que dispara indiferente aos comandos do dono. Dito de outra forma, o Prólogo precisou se ajustar à obra, e não o contrário.

Quero com isso dizer que, conforme ia escrevendo estes capítulos, ia descobrindo coisas diversas, por exemplo, os desafios de tecer uma narrativa sem as câmeras da TV. Companheiras inseparáveis de minha escrita em toda a minha vida profissional, as imagens agora estavam ausentes e eu tinha de me virar unicamente com os vocábulos a fim de reproduzir para o leitor as cenas que vi. Ao longo da preparação deste livro, me dei conta também de quão camicaze fui em inúmeras situações de perigo para as quais o jornalista não é preparado. Além disso, ao tentar estruturar cada parágrafo, eu era instigado a checar meu

rigor na apuração de dados e fatos passados. Assim, olhando pelo retrovisor a minha própria história, enxerguei uma estrada que se perdia no horizonte. E me convenci, afinal, de que eu tinha o que contar.

Por muitos anos, me pareceu presunçoso supor que os bastidores do meu trabalho como repórter pudessem ter alguma relevância para leitores em potencial. Mas estavam certos os colegas de redação e os ouvintes das minhas palestras que, volta e meia, me cobravam um livro sobre o melhor das mais de 1.650 reportagens que fiz para a televisão. Meus primeiros 50 anos de vida — que ainda não tingiram meus cabelos de branco — me permitiram, sim, testemunhar um bom apanhado de alegrias e dissabores.

Nós, jornalistas, consideramos a normalidade algo sem sal e sem açúcar e nos debruçamos sobre o que fica entre o bizarro e o curioso, o abominável e o delicado, o repugnante e o inspirador. De resto, derrubando ou virando a pauta, a notícia é sempre o fato fora da curva. E, muitas vezes, a parte mais saborosa da reportagem é a que não vai ao ar e fica adormecida no anedotário das redações. Em outras palavras, não raro servimos o acém ao telespectador e o privamos do filé. Pois, no rodízio da vida real, chegou a minha hora de rodar o espeto com a carne ainda não servida e oferecê-la a você, leitor.

Histórias das histórias que contei me lançou também o desafio de revisitar velhos personagens, como chamamos certas pessoas que entrevistamos. São seres extraordinários que se destacam em determinado momento da imensa maioria por serem singulares, autênticos e — quase sempre — guiados pela obstinação. Caberia a mim impor limites no relacionamento com essas pessoas, de modo a muito receber e pouco ofertar, exceto profissionalismo e respeito. Entretanto, optei por não me blindar, traçando uma via de mão dupla com os meus entrevistados. Costumo propor, sutilmente, uma troca de informação e afeto, caminho pelo qual tenho extraído depoimentos reveladores e criado, sobretudo, estimados amigos.

A coleção de boas histórias começou em 1986, um ano antes da minha entrada na Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, a PUC-Campinas, no interior de São Paulo. Eu havia me matriculado num curso de mergulho certo de que, mais tarde, aquela experiência me seria valiosa. Na primeira aula, Marcos, o instrutor, coincidentemente meu ex-professor de Educação Física no ensino fundamental, perguntou para os cerca de 20 alunos a seu redor:

— Por que vocês resolveram aprender a mergulhar?

Pai e filho tinham viagem marcada para a Ilha de Fernando de Noronha, nas águas de Pernambuco. Um casal de japoneses, salvo erro, em lua de mel, planejava conhecer Abrolhos, arquipélago no sul da Bahia. E assim por diante. Até que chegou a minha vez de responder:

— Ano que vem vou prestar vestibular para Jornalismo na PUC. Sonho ser repórter de TV. Mais precisamente, quero chegar ao *Globo Repórter*, e estou certo de que saber mergulhar pode fazer a diferença.

Todos caíram na gargalhada. Não me recordo, mas se bobear até o instrutor. Enraivecido como uma panela de pressão, prometi a mim mesmo que eles iriam se arrepender da chacota. Dito e feito. Concluí aquele e outros seis cursos de mergulho — menos por vingança, mais por interesse próprio, é claro — e fiz da carteirinha da Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos meu passaporte até para o mar do Japão, entre outros mares. De vez em quando, aquele vexame diante da turma ainda me vem à lembrança, como a imagem de um filme antigo, sem falas mas com o som das risadas. Se algum canceriano lhe disser que se esquece e/ou perdoa com facilidade, tome cuidado. Você está diante de um mentiroso.

No ano seguinte ao curso, fui mesmo aprovado no vestibular e ainda consegui um feito raro entre os calouros: manter a cabeleira. Junto com um colega, o Silva Filho, então apresentador da afiliada da Rede Globo em Campinas,

escapei do trote e não ficamos carecas. Ele, naturalmente, dependia do cabelo para trabalhar. Eu, autor e protagonista de meu *script* de convicções e fantasias, necessitava das madeixas para procurar emprego em alguma emissora. Tamanha era a minha certeza de arranjar um bico qualquer na TV que as próprias veteranas do segundo ano encamparam a ideia:

— Ninguém mexe com este aqui!

Quatro meses depois do início das aulas, com 17 anos — e cabeludo —, fiz minha estreia na TV Manchete local. A pauta, que hoje avalio como nada emocionante, era sobre o movimento na rodoviária, no terminal de trens e nas estradas durante o feriado de Corpus Christi. Minha voz bipolar surfava desafiada entre graves e agudos, a franja encobria as sobrancelhas e uma gravatinha de crochê adornava uma magreza esquelética. Ainda assim, me permitiram estreitar no telejornal da noite, para orgulho desmedido de meus pais e minha mais sincera vergonha. Ai, que vontade de sumir da sala...

Um fato, porém, fugiu ao tal *script* quando eu já trabalhava na Rede Manchete na cidade de São Paulo, para onde fui transferido em 1989: a falta do diploma. Eu havia trancado a matrícula na segunda metade do segundo ano na faculdade de Campinas e me mudado para a capital paulista a convite de seu James Rúbio. Sim, seu James. Era assim que eu chamava meu querido chefe, dono de um vozeirão que destoava de sua delicada compleição física.

— Quantos anos você tem, garotinho? — perguntou ele, fazendo tremer as paredes.

— Dezenove — respondi.

Caíram no meu colo o pior dos horários e a melhor das equipes. Lenin Maria, o cinegrafista, tinha o dobro da minha idade e me tratava como a um irmão caçula. Entrávamos na TV às nove da noite e saíamos às três da manhã. Na ausência de pauta, migrávamos para o Bar das Putas, na avenida Doutor Arnaldo, e aguardávamos um eventual contato da redação pelo telefone da farmácia da

esquina. Lenin tinha fama de brigão e era temido por dez entre dez colegas. Chegou a disparar dois tiros dentro da emissora contra um rapaz que chamou sua Caravan prateada de lata-velha. Ninguém ousava demiti-lo.

Dele só trago boas lembranças e muita saudade. Permaneci três meses na madrugada e fui galgando outros espaços em telejornais mais nobres na Manchete, entrando mais cedo e mal vendo o Lenin. Certo dia, ao chegar ao antigo prédio da empresa, na rua Apiacás, no Sumaré, o segurança da portaria, seu Rodrigues, me abordou:

— Você viu o que fizeram com o seu amigo?

— Quem? O Lenin?

Subi correndo o primeiro lance de escada. Depois, o segundo, até a sala da chefe, enquanto os colegas me observavam, calados e imóveis. Rose Faria, à época no comando da chefia de reportagem, fora incumbida de me informar. Lenin havia sido assassinado com dois tiros nas costas e um no peito, após um entrevero tolo e contornável com um vizinho. Desabei ali, inconsolável e incrédulo. Ainda hoje, 29 anos depois, fico emocionado ao me lembrar do dentuço de riso fácil e pavio curto.

Mais alguns meses e tive outra espécie de perda, agora relacionada à escala de trabalho. Colegas da redação me denunciaram ao Sindicato dos Jornalistas por conta da falta de registro profissional. No lugar de me demitir, seu James me passou para o quadro dos repórteres que cobriam esportes e que poderiam ser contratados como radialistas, vagas para as quais não se exigia registro. Não era o que eu queria. Naquela época, entrevistas de vestiário me pareciam tarefa de menor importância diante do tamanho das minhas pretensões. Imaginei meu crescimento ceifado da noite para o dia e não enxerguei na faculdade nenhum atrativo maior do que os vividos em redação. Ciente de que minhas idas a campos gramados estavam com os dias contados, engoli em seco a decisão.

Em junho de 1990, pedi demissão e fui estudar em Portugal. Se a volta às salas de aula era mesmo inevitável, que fosse, então, num lugar reconhecido internacionalmente pela excelência do ensino. A partir daí, contudo, meu roteiro imaginário passou a seguir os contornos tortuosos que descreverei aqui. Isso porque, ao retornar ao Brasil, meu diploma português não pôde ser reconhecido pelas autoridades brasileiras. Ou seja, na tentativa de espantar o fantasma da falta de diploma — concluindo minha formação numa instituição de alto nível —, criei outro fantasma que me assombrou por 20 anos: a falta de registro profissional. Só agora amigos mais próximos saberão desse imbróglio.

Por fim, revendo minha trajetória pela ótica dos editores deste livro — meus parceiros de escrita —, pude enxergar a atividade do jornalista pela perspectiva da terceira pessoa. Ao longo de anos — eu diria décadas —, muitos de nós, repórteres no Rio de Janeiro, agíamos como se fôssemos à prova de bala. Perdi a conta de quantas vezes me vi debaixo de fogo cruzado, com a ilusão de que, por obra divina, nada aconteceria comigo nem com meus colegas de equipe. Acho que nos julgávamos à prova, inclusive, de bala perdida. Nos anos 1990, quando me mudei para o Rio de Janeiro, ninguém nem sonhava usar colete balístico ou capacete para acompanhar operações policiais.

Em junho de 2002, ocorreu o fato que nos fez enxergar o perigo real de nossa atividade: o assassinato do repórter investigativo Tim Lopes. O amigo Tim. Ao longo do livro, descrevo episódios vividos com ele dentro e fora da redação. Perdê-lo de forma brutal revelou nossa própria vulnerabilidade. É fato que, até então, todos nós — profissionais e chefiadas — subestimávamos o risco da cobertura policial e do jornalismo investigativo. Dali em diante, passamos a nos ver também como alvos do narcotráfico, não menos violento que a banda podre da polícia.

Ainda com a orientação criteriosa dos editores, abracei o primeiro desafio citado no início deste Prólogo: escrever sem a imagem, minha *partner* na re-

portagem televisiva. Sem dançar a dois, confesso ter penado nos compassos da escrita solo. Eu, que busquei a vida inteira fugir da redundância, narrando o mínimo necessário para ajudar o telespectador na compreensão das imagens, estava sozinho na descrição de lugares, pessoas, fatos e sobretudo emoções. Espero ter aprimorado minha capacidade de bailar com a acidez e a doçura das palavras — e só das palavras. E aqui o convido a visualizar as histórias que saltaram das minhas lembranças.

Seja bem-vindo aos bastidores da TV!